



1494 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 08 - Educação Superior

O ENCOLHIMENTO DA UNIVERSIDADE COMO RESPOSTA AO CONTEXTO DE EMPRESARIAMENTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR
Daniela Pederiva Pensin - UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA

Problematiza-se discursos que inserem a educação superior em uma racionalidade orientada pela lógica do mercado e deixam ver um o movimento de empresariamento da educação superior. A pesquisa teve por objeto a educação superior e perguntou sobre os discursos que as universidades fazem reverberar por meio de seus projetos institucionais (PPIs), propondo-se ao estranhamento da proliferação discursiva sobre o objeto. Serviu-se do discurso como conceito teórico-metodológico e tomou como superfície analítica os PPIs de nove universidades do Rio Grande do Sul, numa abrangência temporal de 14 anos (2000 – 2014). As análises indicam discursos onde inovação, empreendedorismo, competitividade, produtivismo e a oferta da formação como prestação de serviço intensificam os laços entre educação superior e neoliberalismo. Discute-se a possibilidade do encolhimento da universidade frente à naturalização destes laços e a colaboração na constituição de uma perspectiva pretensamente universal sobre os modos de ser e fazer educação superior. Conclui-se que a naturalização e proliferação destes discursos coloca em risco as relações entre educação e democracia, entre universidade e pluralidade, a formação para as humanidades e a possibilidade de pensamentos que constituam movimentos de resistência.

O ENCOLHIMENTO DA UNIVERSIDADE COMO RESPOSTA AO CONTEXTO DE EMPRESARIAMENTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Resumo: Problematiza-se discursos que inserem a educação superior em uma racionalidade orientada pela lógica do mercado e deixam ver um o movimento de empresariamento da educação superior. A pesquisa teve por objeto a educação superior e perguntou sobre os discursos que as universidades fazem reverberar por meio de seus projetos institucionais (PPIs), propondo-se ao estranhamento da proliferação discursiva sobre o objeto. Serviu-se do discurso como conceito teórico-metodológico e tomou como superfície analítica os PPIs de nove universidades do Rio Grande do Sul, numa abrangência temporal de 14 anos (2000 – 2014). As análises indicam discursos onde inovação, empreendedorismo, competitividade, produtivismo e a oferta da formação como prestação de serviço intensificam os laços entre educação superior e neoliberalismo. Discute-se a possibilidade do encolhimento da universidade frente à naturalização destes laços e a colaboração na constituição de uma perspectiva pretensamente universal sobre os modos de ser e fazer educação superior. Conclui-se que a naturalização e proliferação destes discursos coloca em risco as relações entre educação e democracia, entre universidade e pluralidade, a formação para as humanidades e a possibilidade de pensamentos que constituam movimentos de resistência.

Palavras-chave: Educação superior. Discurso. Empresariamento da educação.

Considerações iniciais

A escrita de um texto, a construção dos argumentos, a lógica empregada, os elementos trazidos à tona, os destaques e ênfases, os olhares sobre o objeto estão, é bom que se assinala, intrinsecamente articulados às lentes que usamos ou a partir das quais olhamos. Trata-se, pois, de um processo inventivo, de uma narrativa singular que o autor escolhe narrar. A escolha que faço sobre a narrativa aqui efetuada leva em consideração dois aspectos iniciais: (1) a compreensão de que a educação superior — como as tantas “coisas” deste mundo — não é algo desde sempre aí, mas “algo construído na inextrincável relação entre materialidade do mundo e aquilo que pensamos e dizemos sobre tal materialidade” (VEIGA-NETO, 2012, p. 2); (2) circulam na educação superior e por meio dela certos saberes com estatuto de verdade que, mediante jogos de verdade, passam a constitui-la, regulá-la e governá-la. Muito embora seja a educação superior uma prática inscrita na racionalidade de uma época, isso não anula por completo as rotas de fuga, as possibilidades de pequenas variações ou “deformações” em relação à referência de educação superior deste tempo.

Ao tomar como objeto a educação superior é necessário que se acentue seu caráter de complexidade, o que implica considerá-la como uma existência em que distintas práticas se inscrevem e a algumas delas é conferido *status* de verdade. Nos discursos sobre a educação superior operam mecanismos de controle responsáveis pela interdição ou autorização dos discursos, pela separação entre o que é verdadeiro e o que é falso (FOUCAULT, 2012). Discursos fazem circular verdades e inventam coisas (FOUCAULT, 2016), e neste movimento, constituem formas singulares de educação superior. Estes discursos ganham *status* de verdade na medida em que estejam presentes no verdadeiro, que se constituam por meio de mobilizações em torno de um estatuto acadêmico e científico e estejam assim, presentes na racionalidade deste tempo.

Ao tomar como objeto a educação superior e perguntar sobre os discursos que as universidades fazem reverberar por meio de seus projetos pedagógicos institucionais (PPIs), a pesquisa que dá sustentação a este texto propôs-se à problematização e ao estranhamento da proliferação discursiva que, na educação superior, parece dizer mais do mesmo. A pesquisa em questão foi desenvolvida inspirada nos estudos de orientação foucaultiana, serviu-se do discurso como conceito teórico-metodológico e tomou como superfície analítica os PPIs de nove universidades do Rio Grande do Sul^[1], cuja abrangência temporal compreende os anos de 2000 a 2014. Os PPIs, como veículos oficiais dos princípios, objetivos, compromissos e concepções da instituição sobre si mesma e sobre os processos formativos que desenvolve, mostram aquilo que a Instituição de Ensino Superior (IES) seleciona para “dizer de si”, dando visibilidade às verdades que assume e faz circular. Este “dizer de si” responde a uma vontade de verdade que, apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os discursos que circulam uma espécie de pressão e como que um poder de coerção (FOUCAULT, 2012).

A análise desenvolvida demonstrou que a proliferação discursiva em torno da educação superior a coloca como uma ação potencializadora, inovadora, criativa, feita por e para sujeitos empreendedores, capaz de atender as demandas do mercado; o que traz consigo uma quase uniformização do discurso. Os discursos sobre a educação superior respondem a uma vontade de verdade; em meio a jogos de verdade que passam a constitui-la de modo complexo e singular, como uma “coisa” deste tempo. O discurso “verdadeiro” e “autorizado” sobre a educação superior no presente, responde a uma vontade de verdade cuja racionalidade articula elementos do pragmatismo, utilitarismo, neoliberalismo, uma lógica de empresariamento da educação superior e “não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa” (FOUCAULT, 2012, p.19).

A materialidade analisada faz ver uma espécie de lógica comum, a qual tratarei aqui como *movimento de empresariamento da educação superior*. Nela se inserem ou em torno dela se articulam os discursos institucionais. Em sua íntima relação com a racionalidade neoliberal, este movimento não se apresenta como “uma lógica” presente em meio aos contextos institucionais; ela é “a lógica”.

No texto que segue busco problematizar este discurso institucional cujas recorrências inserem a educação superior em uma racionalidade utilitarista, pragmática e orientada pela lógica do mercado. Compreendo que, à medida em que as IES assumem para si este discurso passam a enredar-se numa trama que coloca em risco as relações entre educação e democracia, entre universidade e pluralidade, a formação para as humanidades e a possibilidade de pensamentos que corram “por fora” e se constituam movimentos de resistência. Ao assumir este discurso como verdadeiro, estaria a educação superior envolvida em um processo de encolhimento que a possibilita participar dos jogos econômicos em curso e traz, perversamente, a sensação de seu agigantamento, de ampliação de seu papel na potencialização dos sujeitos para a construção deste mundo cuja referência é a empresa (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009).

Educação superior, empresariamento e discurso

Em *Arqueologia do Saber*, Foucault (2014, p.131) define discurso como “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” ou uma mesma formação discursiva. Sob esta perspectiva, há uma ordem do discurso própria de um período particular, que possui “uma função normativa e reguladora e estabelece mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, estratégias e de práticas” (REVEL, 2011, p.41). A discursividade do presente traz condições de possibilidade para a constituição de discursos sobre a educação superior na perspectiva de uma lógica neoliberal que tome a educação como um investimento de produção de sujeitos incluídos, úteis ao jogo econômico.

Esta lógica discursiva implica situar a educação no mercado da competição, do produtivismo, aproximando-a da ideia de mercadoria, valorizando aquilo que possa apresentar de produtos quantificáveis, mensuráveis, obrigando-a à eficácia, ao máximo rendimento e à formação de competências capazes de possibilitar que o indivíduo assuma os riscos e possibilidades sobre o próprio sucesso compreendido como capacidade de garantir-se a si mesmo, sem a necessidade ou com a menor intervenção possível por parte do Estado.

A educação superior no presente é inventada e (re)inventada a si mesma a partir de uma lógica que a vê como ação potente de governo, de condução deliberada da própria conduta ou da conduta de alguém (VEIGA-NETO; LOPES, 2007), uma intervenção na vida de alguém, de maneira a torná-lo outro alguém — alguém melhor (BIESTA, 2013). O olhar sobre os discursos da materializada analisada permite identificar que, no presente, este “melhor” está caracterizado como inovador, empreendedor, competente, capaz de trabalhar em equipe, flexível, disposto a aprender continuamente, racional, autônomo, crítico, solidário, cidadão, responsável socialmente, tolerante e apto a produzir.

Há, envolvida na circulação dos discursos e na constituição das “coisas” no presente, uma espécie de base sobre a qual se constrói a educação superior e dentro da qual destaco seu movimento de empresariamento. Este movimento faz com que as IES assumam para si uma racionalidade orientada por princípios mercantis, tendo a empresa como referência e que, por isso, valoriza produtividade, eficácia, sustentabilidade econômica, educação como mercadoria, competitividade, inovação e empreendedorismo. Nesta lógica, a educação é uma mercadoria e a universidade é um lugar onde se tratam de negócios, uma agência orientada ao atendimento de demandas de mercado.

O empresariamento é uma estratégia de funcionamento que responde à lógica de ascendência da empresa como modelo do capitalismo contemporâneo (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009). A empresa é, nesta perspectiva, uma espécie de criadora de mundos aos quais é preciso pertencer. Consumir não é mais apenas possuir; envolve também pertencer ao mundo, o que na educação superior significa pertencer ao mundo dos educados, profissionalizados, aptos, potencializados, flexíveis, inovadores, empreendedores, racionais e socialmente responsáveis. A universidade, em sua ação de condução das condutas na direção do “aperfeiçoamento” do homem para que se torne “melhor”, se encolhe para poder caber, para poder pertencer. Encolhe-se e sente-se agigantando-se, fazendo mais, criando mais, produzindo mais, vendendo um mundo e passando então a materializá-lo, prestando o “serviço” da formação do homem para a sociedade segundo os interesses e demandas que, entende, esta sociedade (cujo principal determinante é o mercado) possui. Encolhida nesta lógica, a universidade se apequena ao mesmo tempo que se expande territorialmente, em termos de números de alunos, no discurso de sua valorização e posição estratégica na construção de um mundo melhor porque mais eficiente, mais tecnológico, mais desenvolvido economicamente, onde mais indivíduos estejam incluídos (no sentido de serem pertencentes).

Inserida nessa lógica, a educação superior atua de modo a produzir efeitos planejados, esperados; atua na produção de sujeitos potencializados que, tornados aptos, competentes e capazes, empreendem potentemente sobre si mesmos e sobre a sociedade; uma atuação intervalar, ou seja, que opera no intervalo entre uma proposta de formação e aquilo/aquele a ser formado.

O alargamento da racionalidade neoliberal e da lógica de mercado acaba colaborando na construção da noção de que o aluno é um cliente a ser atendido e satisfeito, e o “serviço” prestado pela instituição escolar precisa ser inspecionado, controlado, avaliado segundo parâmetros de qualidade para que assim a instituição tenha seu serviço certificado, atestado. Submetida à regulação do Estado e/ou do mercado, a educação superior se encolhe e faz de si mesma um potente mecanismo de encolhimento (do sujeito e do mundo), imersa na perversidade de uma lógica cuja naturalização parece deixá-la menos visível quanto mais visibilidade alcança.

A dimensão do mercado na constituição da educação superior

A análise da materialidade da pesquisa — os PPIs de nove universidades gaúchas — considerando suas recorrências discursivas, indica uma discursividade que diz mais do mesmo sinalizando, como apresentado na sessão anterior, uma possibilidade de estreitamento, de encolhimento da educação superior em função de um modelo que, desconsiderada sua perversidade, chega a ser apontado como adequado, melhor, apropriado na medida em que traz — em tese — melhores condições de vida, de uma vida pautada no desenvolvimento, na tecnologia e na inovação, vivida por indivíduos potentes e empreendedores.

A educação superior tem se constituído, segundo o que aponta a pesquisa que dá sustentação a este texto, arquitetada pelas muitas relações

e enredamentos do contexto e pelo entrecruzamento de três dimensões: a dimensão do mercado; a dimensão do conhecimento e tecnologia e a dimensão da humanização. A articulação entre essas dimensões e sua existência numa lógica de empresariamento dá à educação superior um caráter potencializador, de atuação na constituição de um sujeito capaz de agir potentemente sobre si e sobre o meio.

Muito embora reconheça que esta constituição se dá pelas tramas e articulações entre as três dimensões, entendo que a última delas, a dimensão do mercado, é aquela que apresenta relações mais diretas com o que aqui venho tratando como movimento de empresariamento da educação superior e também aquela em razão da qual as demais se justificam e se desenvolvem. Há uma espécie de relação de subordinação das dimensões da humanização e do conhecimento e tecnologia à dimensão de mercado que parece existir nos discursos institucionais das IES como dimensão representativa da racionalidade na qual se inscrevem as IES.

Neste contexto, a educação escolar, em seus diferentes níveis, cumpre importante papel na política de inclusão de todos no jogo econômico em curso; a ela se atribui o papel de instrumentalizar os indivíduos para que possam competir neste jogo, para que estejam aptos, para que sejam úteis a ele, para que possam se incluir. O foco da educação superior na formação profissional e as relações que a constituem pela articulação com o mundo do trabalho acabam por acentuar a dimensão de mercado em sua constituição, frequentemente representada por uma perspectiva mercadológica, o que pode trazer a naturalização em relação ao movimento de empresariamento da educação superior.

Existindo neste contexto, sobrevivendo nesta atmosfera, as IES passam a atuar segundo um jogo de mercado em que apresentar diferenciais competitivos (algo tão caro a esta lógica e assumido por muitas IES como “estratégia de sobrevivência”) inclui, entre outras posturas, a customização da formação. Trata-se de flexibilizar currículos, habilidades formativas, tempos e locais de formação; encontrar atrativos para a formação, o que, claro, inclui uma ação docente orientada à facilitação da aprendizagem. A educação superior se encolhe; é preciso caber neste mundo para seguir existindo nele.

Aquilo que, decorrente da análise dos materiais de pesquisa, passou a constituir o que chamo de dimensão do mercado ultrapassa a relação, por muitos considerada inerente, da educação superior com a formação profissional; reúne elementos que apontam diretamente a presença de uma lógica mercantil e de orientação empresarial na constituição da educação superior. Considerarei manifestação dessa lógica a forte indicação da inovação e do empreendedorismo como características do perfil dos egressos, bem como a vinculação de ambos à produção de pesquisa e tecnologia e à metodologia de ensino. A presença de competências do mercado de trabalho como orientadoras das propostas curriculares dos cursos; a preocupação com a eficiência e a rapidez nas respostas dos egressos aos problemas e situações da profissão; a parceria com empresas e com o mundo do trabalho como orientadora das alterações curriculares nos cursos; as habilidades buscadas, como liderança, criatividade, flexibilidade e capacidade de atingir metas e de trabalhar em equipe, são outras indicações do que considero dimensão do mercado. Ainda nessa dimensão, estão a noção de meritocracia (orientada à avaliação do desempenho dos professores para progressão na carreira) e a posição da universidade como uma prestadora de serviço (orientada à empregabilidade dos egressos e ao atendimento das demandas de seus clientes, os alunos).

Considero importante — como forma de ilustrar o encolhimento da educação superior pela inserção numa lógica cuja perversidade está em encolher-se como estratégia para caber e, ao fazê-lo, tornar ainda menor tanto o lugar em que precisa caber quanto a si mesma — indicar que a pesquisa que dá sustentação a este texto tomou universidades públicas e não-públicas. Coerentemente a isso, Peroni (2016) aponta a reorganização das fronteiras entre o público e o privado e afirma que, no presente, tanto a sociedade civil quanto o Estado são igualmente atravessados por interesses mercantis. A presença desses interesses diluídos e disseminados em todos os âmbitos sociais e políticos traz prescrições de racionalização de recursos, justificadas por demandas sociais e de mercado. Assim, de acordo com a autora, a competição torna-se o mecanismo regulador, e o privado define o conteúdo da educação (mesmo da educação pública), no que ela denomina de *processo de mercadificação da educação*.

Entre os elementos que denunciam a presença, na materialidade analisada, de uma racionalidade empresarial e de mercado na educação superior, os documentos referenciam uma educação que tem, entre suas qualidades, o empreendedorismo e a inovação. Tomo as noções de inovação e empreendedorismo (e as vinculações entre elas) como os elementos sobre os quais escolho dar ênfase neste texto.

O destaque dos documentos à noção de inovação^[2] está presente em todos os PPIs analisados e a inovação chega a ser apontada como elemento identitário da IES. Os documentos expressam o desejo da IES de ser reconhecida como inovadora ou pela inovação que promove já que a inovação é considerada, no contexto destes discursos, um indicador de sucesso. As verdades que estas posições institucionais fazem circular reconhecem o valor positivo atribuído à inovação, uma vez que a adjetivação “inovadora” torna a IES mais potente em termos de competitividade, mais adequada em relação às funções que, supõe, deva cumprir.

Com bastante frequência, os documentos apresentam posições institucionais que aproximam inovação e empreendedorismo expressando a compreensão de que a educação é uma ação capaz de desenvolver uma espécie de espírito inovador e empreendedor no indivíduo. Outra das aproximações entre elas está nas adjetivações que caracterizariam o profissional requerido por um mercado de trabalho em que estas qualificações são imprescindíveis: inovador e empreendedor.

No presente, empreendedorismo e educação parecem cada vez mais aproximados. Torna-se quase “natural” que a educação se ocupe da formação do empreendedor, que, como agente que atua sobre si mesmo e sobre a sociedade é, mais do que desejado, necessário à sociedade. As relações entre educação e empreendedorismo “estão conectadas com a emergência da teoria do capital humano como grade de inteligibilidade para a compreensão da vida social contemporânea” (SILVA, 2011, p.139) e são coerentes com o movimento de empresariamento da educação superior. O indivíduo “assume o lugar de empresário de si mesmo” (SILVA, 2011, p.139) e, por isso, assume a responsabilidade sobre si, sobre seu fracasso ou sucesso, sobre seus diferenciais competitivos e sua produtividade. Esses indivíduos, e aqui entendo que tanto estudantes quanto professores são conduzidos a serem empreendedores, são indivíduos de investimentos permanentes, “são pró-ativos, inovadores, inventivos, flexíveis, com senso de oportunidade, com notável capacidade de provocar mudanças, etc.” (SILVA, 2011, p.140).

Essa educação superior que vivencia a inovação e o empreendedorismo é também a que conduz práticas capazes de produzir sujeitos professores e alunos que se consideram como agentes autônomos e empresários de si mesmos; que estão dispostos, como afirma Marin-Díaz (2015), a investimentos em seu capital, em sua potencialização para alcançar o sucesso, num mundo regido pelo mercado e pela economia.

A materialidade analisada aponta na direção de outro grupo de relações entre educação e inovação, aquele que dá conta de conceber a inovação a partir de práticas pedagógicas que mobilizem ações de ensino consideradas inovadoras. Os materiais possibilitam ver as muitas aproximações estabelecidas entre a ideia de inovação e o emprego de tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem, o que chega a ser apresentado como orientação aos professores que, ao empregarem determinados recursos didáticos, estariam promovendo um ensino inovador. A inovação aparece também como um imperativo à prática pedagógica, à didática e, deste modo, passa a ocupar um *status* de verdade e a assumir uma posição de modelo a ser adotado.

Ser inovador, ser formado de maneira inovadora, ser orientado e receptivo à inovação são questões que estão na ordem do discurso em termos de educação superior. O ensino e as práticas pedagógicas dos professores, devem ser inovadores. Isso significa que, para inovar, os professores precisam adotar práticas pedagógicas presentes, todas, numa mesma racionalidade. Inovar é, assim, fazer mais do mesmo. É interessante notar que esta espécie de universalização dos discursos não é, exatamente, um fato novo. Desde o iluminismo há uma forte

tendência na teoria educacional e na prática educacional para pensar a educação como a produção de um sujeito com qualidades particulares, muito especialmente a qualidade da racionalidade (BIESTA, 2013). Isso tem, com certa frequência, conduzido a uma abordagem instrumentalista e individualista de educação. É uma espécie de formação de subjetividade segundo um modelo a partir do qual possam, todos, caber na dinâmica em jogo.

Desde meados do século XX, o conhecimento vem assumindo posição de mercadoria altamente comercializável, com alto valor de mercado o que levou as IES a orientar-se por uma proposta de gestão empresarial, posto que estariam elas lidando com uma mercadoria de valor no mercado. Em busca de sua sustentabilidade econômica e financeira e conduzidas pelos movimentos de uma lógica que só faz se ampliar, orientaram sua "produção" ou a "prestação de seus serviços" à flexibilidade das exigências do mercado (BECHI, 2011). Trata-se não apenas da compreensão das instituições escolares como empresas, mas, fundamentalmente, da consideração de que orientar-se por uma racionalidade empresarial é a melhor forma de essas instituições alcançarem desempenho de qualidade e, assim, cumprirem seu papel na sociedade. O que se vê "é a disseminação da forma de mercado ou empresarial como narrativa-mestra que define e confina toda a variedade de relações dentro do Estado e entre o Estado, a sociedade civil e a economia" (BALL, 2012, p.50).

É neste contexto e a partir da operação dentro desta lógica – inclusive como estratégia de sobrevivência – que a educação superior no presente opera orientada pela ideia de formação do sujeito potencializado pela educação, com condições de responder positivamente à racionalidade de mercado porque possuidor de diferenciação competitiva, inovador, empreendedor, criativo, eficiente e flexível.

Últimas considerações

Encaminhando algumas possibilidades, não de conclusão mas antes indicativas da necessidade de se seguir problematizando esta constituição da educação superior e as relações que vem construindo com o mundo desde uma lógica de mercado, utilitarista e empresarial, reafirmo a compreensão de que as IES mobilizam discursos em que inovação, empreendedorismo, competitividade, produtivismo docente e a oferta da formação como prestação de serviço intensificam os laços entre a educação superior e a racionalidade neoliberal. Levanto a suspeita de que isso contribua para o encolhimento do mundo na medida em que reforça a naturalização destes laços e colabora para a constituição de uma perspectiva singular e pretensamente universal sobre os modos de ser e fazer educação superior no presente.

Retomo uma afirmação presente na introdução deste texto. A naturalização e proliferação dos discursos que constituem a educação superior no presente e que têm como recorrências manifestações de uma lógica empresarial e mercantil, de vinculação à racionalidade neoliberal, traz riscos àquelas relações que, considero, sejam importantes e centrais entre educação e democracia, entre universidade e pluralidade, a formação para as humanidades e a possibilidade de pensamentos e movimentos que corram "por fora" e se constituam movimentos de resistência.

Destaco, antes de finalizar meus posicionamentos neste artigo, a preocupação com as implicações às relações entre educação e democracia no contexto de uma universidade que se encolhe, se ajusta, se apequena para poder caber, para pertencer a este mundo. Desde os gregos há o questionamento sobre qual educação prepararia melhor o povo (*demos*) para sua participação no governo (*kratos*). A resposta sobre as relações entre educação e (formação para a) democracia depende da resposta ao "tipo de subjetividade que se considera desejável ou necessário para uma sociedade democrática" (BIESTA, 2013, p.157), o que leva a perguntar sobre que participação esta educação que encolhe a todos para que se "ajustem ao jogo" é capaz de favorecer.

As perspectivas mais conhecidas ou os discursos de maior circulação sobre as relações entre democracia e educação sustentam a ideia de que a democracia se faz pela ação da educação que prepara, instrumentaliza o indivíduo para a vida democrática e "supõe que o sucesso da democracia depende do conhecimento, das habilidades e das disposições dos indivíduos e de sua inclinação como indivíduos a agir democraticamente" (BIESTA, 2013, p.159). Penso que seja crucial problematizarmos, como sugere Biesta (2013), perspectivas de democracia que se sustentam pela uniformização das subjetividades, e desenvolvermos uma compreensão "em que se reconheça que a democracia consiste em pluralidade e diferença, e não na identidade e na uniformidade" (BIESTA, p.159).

Em tempos nos quais a uniformização da formação, e aqui destaco aquela desenvolvida pelas universidades, pauta-se pela construção de subjetividades inovadoras, empreendedoras, pró-ativas, flexíveis, criativas na solução imediata de problemas, assertivas, capazes de se incluírem no jogo econômico em curso, contribuir com os movimentos de resistência, instrumentalizando a formação de novas figuras de subjetividade, deve constituir-se em objetivo educação superior. Afinal, entre as funções da universidade está a formação acadêmica consistente e "livre" de reduções utilitaristas, o que não significa ignorar necessidades profissionais, de inovação e de mercado.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**/UFRGS. Porto Alegre. V.35, n.2, p.37-55, maio/ago., 2010.

BECHI, Diego. Mercantilização do ensino superior: os desafios da universidade diante do atual cenário educacional. **Acta Scientiarum Education**/UEM, Maringá. V.33, n.1, 139-147, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/actascieduc.v33i1.11580>. Acesso em: 16 nov. 2016.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**. Educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MARIN-DÍAZ, Dora. A antropotécnica que molda o indivíduo pela educação. 14.09.2015. São Leopoldo: **Revista do Instituto Humanitas** – Unisinos. Entrevista concedida a Márcia Junges e João Vitor Santos. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6116&secao=472. Acesso em: 05 out. 2015.

PERONI, Vera Maria Vidal. Implicações da relação público-privada para a democratização da educação. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED: EDUCAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS, 11. Curitiba, 2016, Conferência de abertura, Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/Conferência-de-Abertura-Vera->

Peroni.pdf . Acesso em: 05 set. 2016.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**/UFRGS, Porto Alegre, v. 34, n.2, 187-201, 2009. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8300 . Acesso em: 03 maio 2016.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **A constituição da docência no ensino médio no Brasil contemporâneo**: uma análise de governo. São Leopoldo: Unisinos, 2011. 215p. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Estar preparado. Apontamentos para pensar a universidade. In: MACIEL, Andriana Moreira da Rocha et al (org.). **Universidade hoje**. O Que Ainda Precisa Ser Dito? Santa Maria: UFSM, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Inclusão e governamentalidade. **Educação e Sociedade**, Campinas, V. 28, n.100, p.947-963, out., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1528100.pdf> Acesso em: 08 março 2017.

[1] Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Universidade de Passo Fundo (UPF); Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Universidade Feevale (FEEVALE); Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

[2] A noção de inovação presente no contexto dos documentos analisados opera como diferencial competitivo e articula-se à lógica de mercado.